

Funaro quer taxa de risco melhor que a do México para a dívida brasileira

RIBAMAR OLIVEIRA
Enviado Especial

WASHINGTON — O spread (taxa de risco) de 0,81 por cento conseguido pelo México no acordo de reescalonamento de US\$ 52,8 bilhões (Cz\$ 730,7 bilhões) de sua dívida externa, firmado há dois dias com os bancos, "não é razoável" para a renegociação da dívida brasileira, afirmou ontem o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Para ele, o Brasil tem condições de conseguir um acordo mais favorável com os bancos.

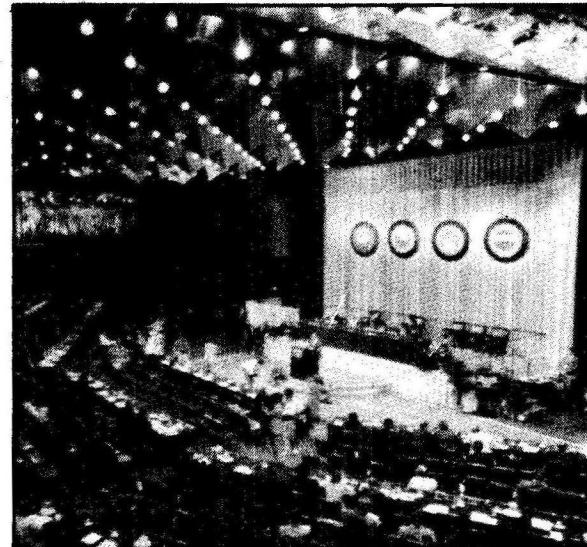
Funaro apontou duas razões principais que dão ao Brasil condições de obter um melhor acordo. A primeira é que a situação da economia brasileira é bem mais favorável, no momento, que a mexicana, que está às voltas com sérias dificuldades de balanço de pagamento, motivadas pela forte queda dos preços do petróleo. A outra razão apontada pelo Ministro da Fazenda é que o Brasil não pedirá dinheiro novo no esquema de reescalonamento. O acordo do México prevê a obtenção de US\$ 6 bilhões (Cz\$ 83 bilhões) de dinheiro novo.

A questão do spread é um dos pontos centrais da proposta brasileira de renegociação da dívida. Embora o Governo já admita que não existe clima para a eliminação dessa taxa (spread zero), considera indispensável reduzi-la substancialmente. No acordo assinado com os bancos, no início de setembro, sobre o reescalonamento dos créditos vencidos em 1985 e a vencer em 1986, o Brasil con-

seguiu um spread de 1,25 por cento. A redução de 1,25 para 0,81 por cento é considerada pela delegação brasileira como irrisória.

Membros da delegação brasileira informaram que o Ministro Funaro ficou decepcionado com o spread obtido pelo México. Inicialmente, ele imaginava que seria possível conseguir uma taxa inferior a 0,5 por cento. Funaro foi, inclusive, uma peça importante nos bastidores da negociação mexicana, tendo falado sobre o assunto com numerosos banqueiros, com o Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, e com o próprio Secretário do Tesouro americano, James Baker.

Funaro deixou claro, ontem, que a proposta brasileira de renegociação da dívida prevê redução de US\$ 2,5 bilhões (Cz\$ 34,6 bilhões) nas transferências líquidas de recursos para o exterior no ano que vem. Este ano, o Brasil deverá transferir US\$ 11 bilhões (Cz\$ 152,2 bilhões) líquidos e



Plenário do FMI já começa a ficar mais vazio

no ano que vem, se essa redução for conseguida, US\$ 7,5 bilhões (Cz\$ 103,8 bilhões), o que ficaria muito próximo da meta de só transferir 2,5 por cento do produto interno bruto (PIB) fixada pelo Presidente José Sarney.

O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, embarcou ontem à noite de volta ao Brasil, tendo antes feito uma escala técnica em Nova York. Ao contrário do que se chegou a especular inicialmente, ele não aproveitou a escala em Nova York para manter encontros com banqueiros.